

# A IDEIA

revista de  
cultura  
e pensamento  
anarquista

280\$00

trimestral

Junho de 1985

n. 39-37



Dossier Ecologia

## Outras *Ideias* na imprensa portuguesa

Que outros periódicos com o título de *A Ideia* existiram já na imprensa portuguesa? Quais as suas orientações? Que vida tiveram eles? — Eis, em suma, as interrogações que foram o ponto de partida para uma pesquisa bibliográfica que, se não pode garantir em absoluto a exaustão do tema, tem no entanto boas probabilidades de lhe ter dado a volta.

Dividamos as publicações encontradas em várias categorias: há aquelas cujo título é exactamente *A Ideia*, ou muito próximo dele (*Ideia*, *A Ideia*, *Idea*); há outras cujo título comporta este vocábulo, não sozinho, mas acompanhado dum adjectivo (*Ideia Livre*, *Ideia Nacional*, *Ideia Nova*, *Ideia Republicana*, *Ideia Popular*, etc.); por outro lado, há as publicações explicitamente anarquistas e outras que só implicitamente o são; há, finalmente, periódicos de tradição liberal que nalguns pontos coincidem com o ideário anarquista e há outros que lhe são completamente estranhos, para não dizer antagónicos.

No primeiro grupo, a folha mais antiga é *A Ideia*, «Revista Quinzenal», cujo 1.º número saiu no Porto a 1 de Abril de 1887, tendo como director César Cid e como redactores Marques de Andrade, Júlio Brandão e José Solrac. Só lhe encontrámos um número. Tinha a sede na Rua da Batalha, 2, o curioso cabeçalho que reproduzimos junto e, como texto mais representativo, relevamos um texto de Heliodoro Salgado intitulado precisamente «A Ideia» onde se diz a certa altura: «A Enciclopédia matou a fê; a Revolução matou a realeza. E a Ideia, isto é, a grande força moral e intelectual que impulsiona o programa da civilização, estende sobre o mundo as suas asas brancas e, sustentando na mão o ramo de oliveira — símbolo da paz — vai banhando os espíritos em todas as luzes da ciência e preparando pacificamente, evolutivamente, a grande transformação política e social que, latente ainda, há muito se faz presagiar por sinais certos e evidentes a todos os que voluntariamente se não cegam». Eis um belo pedaço de prosa iluminista que, se empolgaria o republicano liberal, não deixaria igualmente indiferente muitos dos anarquistas portugueses da época.

Em seguidam surge *A Ideia*, «Periódico Científico», igualmente publicado no Porto, onde o primeiro número saiu à luz do dia em Setembro de 1898. O editor era Alfredo Ferreira de Faria e a administração situava-se na Rua Formosa, 223. Apesar do subtítulo, esta *A Ideia* não foi periódica nem propriamente científica. Deve ter sido, sim, um subterfúgio para divulgar um texto de excelente valia teórica sobre o anarquismo e que



REVISTA QUINZENAL

REDACTORES: Marques d'Andrade, Julio Brandão e José Solrae—DIRECTOR: Cesar Cid

constitui o único material inserto nesta publicação. Chama-se «A Questão Anarquista», o autor é Bernardo Lucas, e trata-se do discurso que, no tribunal da relação do Porto, aquele advogado proferiu em defesa de Cristiano de Carvalho, Serafim Cardoso Lucena, Francisco Vaz e outros anarquistas, presos durante um comício realizado em 24 de Abril de 1898 contra a lei anti-anarquista de 13 de Fevereiro de 1896. É um texto longo, de cerca de 40 páginas, muito bem informado sobre as teorias anarquistas, mostrando alguma simpatia e respeito do autor para com tais teorias.

A terceira *A Ideia* surge no Funchal, em Novembro de 1902, com o subtítulo de «Folha do Socialismo Libertário». O director era Luís A. de Gouveia, tirou 4 números, tinha a sede na Travessa do Redondo, 10 e usava a epígrafe: «Após tantos séculos de Ignorância e Treva, é justo que se faça Luz!».

Esta publicação tem forma de pequeno jornal e insere-se na orientação táctica dos anarquistas intervencionistas, veiculando várias notícias da Federação Socialista Livre, de vários dos seus núcleos das províncias, do jornal *Germinal* de Lisboa, etc. O intuito deste semanário era o de «propagar as novas ideias e de despertar o trabalhador madeirense do marasmo a que se acha aferrado de há muito», tendo «as suas colunas sempre à disposição dos trabalhadores, dos honestos, enfim, de todos os corações generosos e sinceros que se interessam verdadeiramente pela emancipação completa das classes proletárias e se dedicam devotadamente à causa do Povo, à causa do Futuro».

Abertamente anarquista, só terá havido mais uma *A Ideia*, a que viu a luz em Faro, em Março de 1916. Trazia a indicação de «Quinzenário Anarquista», o director era Raul Duarte, o editor António Pedro Cabeleira, o administrador Neves Anacleto, e a secretária de redacção Rita Seixas. A sede era na Rua Conselheiro Bivar, 24, e apenas tirou dois números.

Insere quase só colaboração local e refere largamente as manifestações de Faro, de Fevereiro anterior, com a prisão de vários militantes. «Somos Anarquistas! Eis o que nos apraz declarar... E é sem reboços que afirmamos o ideal que professamos» — lê-se no editorial de lançamento deste jornal.

Numa postura inversa — a de um liberalismo encapotado de sindicalismo, imposto pelas condições da ditadura militar — surge-nos *A Ideia* difundida em Coimbra como

«Número único de distribuição grátis», no dia 1.º de Maio de 1927. O editor responsável é José António da Velha e a propriedade dos Sindicatos Operários de Coimbra. É já uma folha típica de situação repressiva, visada pela censura, sem textos assinados e com apelos de resistência à opressão.

Vejamos agora outros jornais com o mesmo título, mas de áreas ideológicas distintas. Há um jornal académico *A Ideia*, em Portalegre, 1910-11, dirigido por Manuel R. Xavier, de orientação nitidamente republicana. De quadrante oposto, conservador, publica-se em Fafe entre 1912 e 1920 um semanário fundado e dirigido por padres católicos cujo título é também *A Ideia*.

No Porto, em 1922, saem três números de uma *A Idéa*, «Jornal Republicano Independente», dirigido por António Saint Maurice onde colabora, entre outros, o general Gomes da Costa.

Em Murça, a finais de 1926, publicam-se quatro números de outra *A Ideia*, sob o impulso de Jorge de Lacerda. Fala-se aqui na «luz sublime do Amor e da Liberdade», defendem-se os interesses locais, a educação da mulher, o registo civil, a instrução, a república, o municipalismo, o trabalho, etc., etc. A partir do n.º 5 passa a chamar-se *A Voz de Murça*. Explica o redactor: «Murça, a minha Ideia é e será a tua Voz». Voz que só durou até meados de 1927.

Outro semanário republicano independente sai em Leiria, em 1929 (14 números, entre Maio e Agosto). Chama-se *Ideia*, é pertença de um grupo de que fazem parte Álvaro Laborinho, Horácio Eliseu, Rebelo Alves e outros e tem uma inovadora apresentação gráfica.

Nos Açores (Velas, ilha de S. Jorge), publicou-se o semanário *A Idea*, com 46 números, entre Novembro de 1929 e Dezembro de 1930. Escreve o director e proprietário Rui de Mendonça: «A IDEA marca desassombradamente a sua posição no campo liberal».

Uma outra *Idea*, «da República, da Democracia», aparece episodicamente no Porto a 28 de Maio de 1930, pela mão de Júlio Nogueira e com colaboração de um antigo anarquista: Salvaterra Júnior. É, evidentemente, contra a ditadura, a Igreja, etc., e pelo «bem da humanidade».

No Montijo, fundada por Joaquim Serra, edita-se *A Ideia*, semanário republicano, com uma primeira série (26 números) em 1931-32 e uma segunda (outros 26 números) em 1934. É já um jornal adaptado à repressão do Estado Novo, com espaço dedicado ao desporto, à publicidade comercial, à cultura, ao Esperanto, às questões locais, sociais, etc.

Finalmente, uma *Idea* bem diferente é a publicada em 1938 pelos alunos do liceu Alexandre Herculano do Porto. Dirigida por António de Oliveira, pretende «combater os costumes dissolutos», orgulha-se desta «terra de Guerreiros, Poetas e Navegadores, que é o nosso Portugal querido e imortal» e da «Lição de Salazar».

Num cômputo geral e como se pode ver, trata-se em quase todos os casos de pequenos jornais de vida efémera e certamente limitadas tiragens. Nenhum é de Lisboa. Cinco são do Porto. Os restantes de cidades ou vilas da província, dois dos quais das ilhas atlânticas. Do ponto de vista ideológico, temos quatro anarquistas, oito republicanos (mais ou menos vizinhos do campo libertário) e apenas dois conservadores.

Se levarmos agora, rapidamente, o nosso olhar para as outras publicações aparentadas

com o título de «Ideia», encontramos o seguinte quadro:

Uma *Ideia Livre*, «Revista Mensal de Literatura, Crítica e Arte», que se publica no Porto entre 1911 e 1916 e onde se detectam fortes influências libertárias. O anarquista Ângelo Jorge é um dos seus animadores. Há também uma *A Ideia Livre*, mas esta é um «Semanário Republicano e Defensor dos Interesses da Bairrada», publicando-se na Anadia em 1928-36-39.

*A Ideia Nacional* é um título bastante utilizado, sobretudo por sectores muito conservadores. Há a revista de Homem Cristo Filho, Aveiro, 1915-16; há um «Semanário Monárquico, Sindicalista, Órgão e Propriedade dos Núcleos Integralistas», Lisboa, 1920; há ainda periódicos com este nome no Porto em 1922, em Lisboa em 1927 e em Setúbal em 1934.

*Ideia Nova* é igualmente um título a que muitos recorrem, sobretudo republicanos. Mas a mais antiga é a publicada em Angra do Heroísmo em 1878, de orientação liberal.

Também nas ilhas, mas agora em Ponta Delgada, encontramos uma *A Ideia Popular*, em 1879, semanário político, literário e noticioso. Semanário político foi também *A Ideia Republicana* que se publicou em Faro em 1928-29.

Esta outra categoria de títulos aparentados mostra-nos, pois, uma certa confirmação daquilo que anteriormente já vimos. O vocábulo «Ideia», como título de imprensa, transporta conotações iluministas e racionalistas que Heliodoro Salgado explicitou perfeitamente na primeira folha aqui referida. Daí que seja um termo sobretudo simpático aos sectores liberais, republicanos e libertários.

Restaria saber porque razão os editores da actual *A Ideia* foram desencantar tal título em 1974, numa época tão diferente daquelas. Mas esse é um segredo que nós guardamos... para estimular o interesse dos historiadores no futuro!

## BEROKI 1900 café e pastelaria, Lda.

Um projecto diferente. Frequentando este estabelecimento, ajuda ao desenvolvimento da cultura.

Rua 4 de Infancia, 47-A  
Tel.: 65 25 32 — Campo de Ourique  
1200 LISBOA